

FRANCIS BACON E O SIGNIFICADO ALEGÓRICO DAS FÁBULAS

FRANCIS BACON AND THE ALLEGORIC MEANING OF FABLES

BACON, Francis. **A sabedoria dos antigos (De Sapientia Veterum)**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Unesp, 2002.

“... as mitologias devem ter sido os falares próprios das fábulas (que é o que o termo significa), pois, sendo as fábulas (...) gêneros fantásticos, as mitologias devem ter sido suas próprias alegorias.”

(Giambattista Vico)

Monotemático, o pequeno livro **A Sabedoria dos antigos (De Sapientia Veterum)**, de Francis Bacon, opera de forma alegórica a interpretação de algumas fábulas retiradas da mitologia grega. Depois de recontá-las com brevidade e economia de detalhes – na maioria dos trinta e um capítulos – o Autor passa a interpretá-las. Como em outros textos de Bacon, sobremaneira em **Novum Organum**, a “interpretação”, contrariamente a “antecipação” dos antigos e medievais, é a palavra chave para compreensão da operação proposta. Tal procedimento traz à luz aspectos práticos – técnicos, morais, políticos – das fábulas, subsumidos em conteúdos de suposta aparência enigmática. O resultado mais imediato finda por levar águas para o moinho das concep-

ções baconianas de ciência e técnica – como pares complementares.

Cassirer já apontara para a significação das “formas simbólicas concretas” – do universo filosófico do Renascimento – particularmente aos temas de Adão e Prometeu. Sob este aspecto, a obra em tela enquadra-se como hiato e elo menor desde **Genealogie deorum gentium libri**, de G. Boccaccio, passando por **De laboribus Herculis**, de Coluccio Salutati, e ainda **Spacio de la bestia trionfante**, de Giordano Bruno, até **Scienza Nuova**, de Giambattista Vico. No epicentro deste arco circunscreve-se, pontualmente, o livro de Natale Conti, **Mythologiae sive explicationum fabularum libri decem**,¹ de 1551, do qual Bacon retirara – em parte – inspiração para escritura do seu, sobretudo as passagens acerca da releitura do mito de Prometeu. Sem nunca mencioná-lo, conforme demonstração de Charles Lemmi.²

Desconfiar dos mitos não tem sido novidade. Os poemas de Homero e Hesíodo uma vez transcritos para a língua

¹ CONTI, Natale. **Mythologiae sive explicationum fabularum libri decem**. Venezia: Aldo, 1551. Referência extraída de ROSSI, Paolo. **Os Filósofos e as Máquinas. 1400-1700**. Trad. F. Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 146 e 175, n. 28.

² Ver “A nova ciência e o símbolo de Prometeu”, In ROSSI, Paulo. **Op. cit.**, p. 141/149.

grega – recém criada a escrita, desde caracteres fenícios – dispararam críticas e desconfianças pelos excessos representados pelas façanhas dos deuses e gestas de heróis. Contudo, a primeira crítica mais sumarenta, que a obra em discussão recebeu, partiu de Vico, que admirava a originalidade da mesma, porém discordava da abordagem, assim como não aprovava integralmente o tratamento dado por Platão aos mitos. Vico escreveu: “Em virtude da descoberta dos princípios da poesia, dirimiu-se a opinião da sabedoria inatingível dos antigos, que tanto se desejava descobrir, de Platão a Bacon de Verulamio, *De sapientia veterum*, a qual foi sabedoria vulgar de legisladores que fundaram o gênero humano, não mais sabedoria oculta de sumos e raros filósofos. Assim, como se começou a fazer com Júpiter, hão de se considerar inoportunos todos os sentidos místicos de altíssima filosofia, dados pelos doutos às gregas fábulas e aos hieróglifos egípcios, como hão de resultar naturais os sentidos (significados) históricos que uns e outros, naturalmente, deviam conter.”³

É consensual que Bacon – sob o teto do humanismo utilitarista – adotara a divisão das ciências desde um plano mais geral, que é a partilha em História ou ciência da memória; Poesia tomada como ciência da imaginação e, por último, Filosofia como ciência da razão. Se durante largo período a obra em pauta encontrava-se inscrita como pertencente à produção literária do Autor, desde

os estudos de Lemmi e Rossi passou a compor o espectro filosófico do mesmo. Em vida, Bacon recebeu o devido reconhecimento por ela e pelos **Ensaíes. A sabedoria dos antigos**, escrita em latim, evitara de saída os barbarismos que a língua inglesa permite. A presente tradução deriva da inglesa de 1860, e apresenta, em português castiço, termos e expressões caras aos Seiscentos. Afinal, Bacon pinta melhor miniaturas que grandes painéis – como os aforismos do **Novum Organum**.

Por que Bacon lança mão da alegoria? O texto parece apontar para o que é sabido: a alegoria diz *A* para significar *B*, com possibilidade de ser tomada como metáfora continuada de validade universal. A abordagem baconiana resgata o que a alegoria sublima. Neste ponto, é impossível não recordar Benjamin e as especulações contextualizadoras acerca da alegoria como “resolução do profano no sagrado”.⁴ Benjamin escreveu: “A concepção alegórica tem sua origem no contraste entre uma *physis* culpada, instituída pelo Cristianismo, e uma *natura deorum* mais pura, que se encarnava no Pantheon. Na medida em que a Renascença renova o elemento pagão, e a Contra-Reforma o elemento cristão, a alegoria precisa também renovar-se, como a forma de sua confrontação.”⁵ O procedimento baconiano pode, sumariamente, ser entendido desta forma.

As interpretações alegóricas das fábulas – em **De Sapientia Veterum** –

³ VICO, G. **Op. cit.**, p. 158.

⁴ BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 240.

⁵ *Idem*, p. 249.

são desiguais em densidade e profundidade. Em grande parte, relata rapidamente o mito e desliza para interpretações por demais objetivas. Em outros casos, há detalhamento de enredo, sobrecarga de análise e interpretação complexa. Nesta linhagem, os destaque são para “Pã, ou Natureza”; “Cupido, ou átomo”; “Dédalo, ou o mecânico”; “Esfinge, ou Ciência”; “Prosérpina, ou Espírito” e; “Prometeu, ou condição humana”, extenso e denso. Para as interpretações acerca do campo da natureza, há referências pontuais a Demócrito e, em menor número, a Lucrécio. No mesmo passo, paira a sombra da invenção de Maquiavel – *alla verità effettuale della cosa* – na incidência de problemas políticos e morais.

A título de demonstração, o capítulo “Pã, ou Natureza” apresenta interpretação rica e detalhada, a par de conter muito do que o Autor pensa acerca da natureza ou de sua revisão conceitual. A fábula analisada reaparece ampliada no Livro II, do *De Augmentis Scientiarum*, o que indica, que para além de exercício interpretativo, o Autor buscava sustentação para a *nova* concepção de conhecimento da natureza. A abordagem sugere outrossim aproximações – em determinadas passagens – com as misturas infernais registradas na tragédia **Thyestes**. O mundo – representado figurativamente por cornos – fornece elementos de proximidade com o ideário que sustenta que o homem,

mesmo vivendo entre feras, contém em si a possibilidade de elevação espiritual. Eis passagem sugestiva: “A circunstância de representar-se o mundo com cornos, e de esses cornos serem grossos na base e estreitos na ponta, tem relação com a imagem de uma natureza que se alteia em forma de pirâmide. Porquanto os indivíduos são infinitos e arregimentam-se em espécies... Destarte a natureza, contraíndo-se à medida que sobe, parece finalmente encontrar-se num ponto. Não espanta, pois, que os cornos de Pã arranhem o céu: os picos, ou formas universais da natureza, de certa maneira ascendem para Deus.” E arremata num átimo: “Vede como a passagem da metafísica para a teologia natural é pronta e breve!”⁶

Ao final do livro, quase como desabafo, Bacon registrou: “Na verdade, acho a sabedoria dos antigos semelhante a uvas malpisadas: alguma coisa é espremida, mas as melhores partes se perdem.”⁷ Por que ler **De sapientia veterum**? Porque contém antes de nada, como elucidou o napolitano Vico, “sabedoria poética”... tão rara nos dias que correm. Além do que, cada interpretação de fábula é sempre inesperada, mesmo que coligida desde premissas baconianas conhecidas, porém sob talhe lítero-filosófico.

Antonio Valverde
PUC-SP e FGV-EAESP
(valverde@fgvsp.br)

⁶ BACON, F. **A sabedoria dos antigos**, p. 34.

⁷ BACON, F. **Op. cit.**, p. 96.

PAVIANI, Jayme. **Filosofia e método em Platão**. Coleção Filosofia 132. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, 256 p.

Se a afirmação de Gadamer, segundo a qual “o problema geral da interpretação platônica, tal como se nos apresenta hoje, funda-se sobre a obscura relação existente entre a obra dialógica e a doutrina de Platão, que só conhecemos por uma tradição indireta” (Cf. **Studi platonici**. v. 2, Gênova: Marietti, 1998, p. 90), soa como um xiboleto para a identificação dos autores que estão em dia com o estado da arte nos estudos platônicos, então o livro de Paviani pode ser tomado como um *passé-partout* para estudantes de filosofia e estudiosos das demais áreas do conhecimento que queiram se aventurar pelo inesgotável continente platônico.

Os dez capítulos da obra, muito provavelmente escritos em épocas diferentes, compõem uma sóbria unidade em torno do que o autor considera o mais relevante na filosofia de Platão, que não reside tanto “nos problemas que ele investiga, mas no modo de pensá-los e tentar resolvê-los” (p. 10). Com efeito, no caso de Platão, mais do que no de qualquer outro filósofo, é correto dizer que “a compreensão de uma filosofia depende da compreensão adequada de seu método de investigar os problemas” (p. 11). Portanto, reconstruir os elementos básicos que constituem o processo epistemológico e metodológico da filosofia platônica, que é a pretensão do autor na presente investigação (cf. p. 12), é nada mais, nada menos do que compreender, isto é, prender junto aqui-

lo mesmo que não está separado em Platão, a saber, a sua filosofia e o seu filosofar ou o seu conteúdo e a sua forma, pois como diz o autor, “o diálogo platônico, como gênero de obra filosófica, não apenas usa o método, como principalmente o constitui” (p. 86).

Sem pretender falar para especialistas, mas oferecendo também a eles uma reflexão consistente e uma bibliografia de qualidade ao final de cada capítulo, Paviani começa pela exposição da gênese dos processos dialéticos na filosofia pré-socrática e no ambiente cultural do século V ateniense, marcado decisivamente pela atuação dos sofistas e pela pregação de Sócrates, mostrando como “Platão transporta para seu projeto filosófico as contribuições dos pré-socráticos, dos sofistas e de Sócrates” (p. 43). Faz em seguida a caracterização dos processos dialéticos de Platão a partir do exame de dois pressupostos básicos: “a) a inclusão (e não exclusão) da análise lógica no processo dialético; b) a diversidade processual (refutação, reunião, divisão) na formação do dialético” (p. 46). Numa primeira visão de conjunto da obra platônica, mostra o aperfeiçoamento do processo dialético a partir do esquematismo dos diálogos socráticos até complexidade lógica da dialética dos grandes diálogos da maturidade e da velhice de Platão.

Feito isto, empreende uma exposição mais detalhada do processo dialético nos grandes diálogos platônicos:

no **Parmênides** (cap. 3), no **Sofista** e no **Político** (cap. 4), no **Filebo** (cap. 5) e no **Timeu** (cap. 6). A exposição é fluente e clara, os problemas não são esca-moteados, mas expostos com linguagem adequada à sua complexidade, sem concessões demasiado facilitadoras e sem excessos de tecnicismos. A capacidade de conduzir o leitor com segurança mesmo pelos meandros de textos complexos como o **Filebo** ou o **Timeu** revela a familiaridade do autor com o seu objeto de investigação. As referências bibliográficas de cada capítulo ampliam o horizonte de percepção das questões e trazem para a discussão perspectivas complementares, mesmo quando conflituosas.

O capítulo central da obra é “O processo dialético e a alma”, no qual expõe com muita acuidade “o centro articulador do projeto filosófico platônico” (p. 171), posto que, efetivamente, “a concepção da alma, em Platão... é um conceito chave de sua filosofia” (p. 177). Em “Dialética, conhecimento e linguagem” o autor arremata sua exposição com uma densa síntese em torno da questão que continua exigindo o confronto e até mesmo o entrelaçamento entre dialéticos e analíticos, dado que “nenhuma filosofia está acabada, nenhum conteúdo pé dado fora de um processo de pensar e de conhecer, e todo conhecimento é, ao mesmo tempo, linguagem e realidade” (p. 192).

O penúltimo capítulo sobre a “Crítica de Aristóteles a Platão” contribui enormemente para a superação do enraizado estereótipo da contraposição radical e inconciliável entre Platão e Aristóteles, difundida pela manualística com a equivocada interpretação do pa-

inel *A Escola de Atenas* de Raffaello, no qual o dedo de Platão apontado para o céu é lido como o sinal da oposição à mão de Aristóteles voltada para a terra. Diz acertadamente Paviani que “é um erro estratégico, e filosófico, ver essas filosofias apenas como contrárias, esquecendo que elas se inserem no conjunto da cultura grega, no complexo de relações e de problemas que podem ser identificados como momentos relevantes do pensamento grego. Sem a filosofia de Platão, não seria possível a filosofia de Aristóteles” (p. 196s).

O último capítulo expõe a recepção de Platão de Plotino a Ficino, numa síntese extremamente didática do que de melhor se pode encontrar na literatura especializada. Neste capítulo há um erro de impressão na referência à **Metafísica** de Aristóteles na p. 237, que deve ser lida assim: I, 9, 991 a 8-14.

Mas é a frase com a qual o autor encerra o penúltimo capítulo que melhor exprime o trabalho cuidadosamente realizado nesta obra: “A tarefa de ler os textos exige muito mais do que conhecimentos filológicos, requer capacidade reflexiva para captar o ato de filosofar” (p. 222). No momento em que o risco de uma tirania filológica ameaça usurpar definitivamente o direito do filósofo de se pronunciar sobre os textos antigos, a advertência de Paviani e, mais ainda, a sua capacidade reflexiva para captar o ato de filosofar se apresentam como salvo-conduto para os que têm razões suficientes para acreditar que o escrito remete sempre ao não-escrito.

Marcelo Perine
PUC-SP
(m.perine@ig.com.br)

KAHN, Charles H. **Pythagoras and the Pythagoreans. A Brief History.** Indianapolis/Cambridge: Hackett Publ. Co, 2001, 196 p.

Não é fácil encontrar grandes estudiosos da filosofia antiga enfrentando aquela que vários autores acostumaram-se a definir como a “questão pitagórica”. Esta recente obra de Charles H. Kahn é a exceção à regra. De maneira sóbria e corajosa ao mesmo tempo, o autor desenha ao longo de seu texto uma atenta história da complexa tradição pitagórica, desde seus começos até a tardia Antigüidade e suas influências sobre o mundo moderno. Ao longo de seus nove capítulos, o estudo de Kahn enfrenta questões controversas e atualmente centrais na disputa acadêmica sobre o tema. Entre elas, a da originalidade dos fragmentos de Filolau de Crotona e a íntima relação entre o pitagorismo e o platonismo. Com relação à primeira, Kahn assume como própria a avaliação positiva sobre a mesma de Carl Huffmann, em seu importantíssimo e mais recente ensaio sobre Filolau (1993), que anuncia, ao mesmo como próxima, a edição, pelo mesmo autor, de um estudo sobre Arquitas de Tarento. Com toda certeza, já está sendo muito esperado pelos pesquisadores da tradição pitagórica.

A respeito da relação entre pitagorismo e platonismo, reconhece Kahn substancialmente uma distinção, anterior à assim chamada “platonização” do pitagorismo na Academia, entre os dois movimentos filosóficos, por obra de Speusipo e Xenócrates. Demasiadamente

conservadora é, ao invés, a leitura do neopitagorismo, de maneira especial no que diz respeito à proposição de uma meta distinção entre o neopitagorismo desenvolvido no interior da tradição neoplatônica e as figuras dos *sophoi* itinerantes, como Apolônio de Tiana ou Alexandre de Abonutheicos.

Com uma ampla e atualizada referência bibliográfica em notas, o autor discute as diferentes *lectiones* historiográficas e toma posição em meio a elas. Uma obra que pode ser considerada indispensável por, pelo menos, dois motivos: a) pela clareza e agilidade com a qual “faz o ponto” da questão dos estudos sobre o pitagorismo; b) pela profundidade e inteligência com que evidencia os problemas ainda abertos na historiografia filosófica sobre o tema, tornando-se um forte estímulo para o prosseguimento dos mesmos. Assim sendo, enquanto **Brief History** (história breve, como reza o subtítulo do livro), a obra cumpre de maneira excelente seus objetivos, mantendo-se numa perspectiva de sobriedade que a distingue significativamente de leituras mais “ousadas” como as de Peter Kingsley.

Quanto à estrutura da obra, por capítulos, tem-se: I. A questão pitagórica; II. Pitágoras e o estilo de vida pitagórico; III. A filosofia pitagórica antes de Platão; IV. A filosofia pitagórica na época de Arquitas e Platão; V. A nova filosofia pitagórica na primeira Academia; VI. A

sobrevivência do pitagorismo em época helenística; VII. A tradição pitagórica em Roma; VIII. Os filósofos neopitagóricos; IX. A herança pitagórica.

Sem dúvida, o cuidadoso e conhecido investigador de Filosofia, cuja obra é nuclearmente socrática, premia

os estudiosos da Grécia Antiga com mais essa investigação importante.

Gabriele Cornelli

Univ. Metodista de Piracicaba e de São Paulo
(gabrielec@uol.com.br)

A FILOSOFIA A PARTIR DE SEUS PROBLEMAS

PHILOSOPHY: LOOKING AT THE PROBLEM

PORTA, Mario Ariel González. **A filosofia a partir de seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002. 178 p. (Coleção Leituras Filosóficas)

O novo livro de Mario Ariel González Porta, **A Filosofia a partir de seus problemas**, traz, como novidade, um outro modo de abordar o estudo e o ensino da Filosofia ao propor uma mudança de enfoque normalmente assentado: partir da descoberta e fixação dos problemas que ela se coloca para, então, entender seus objetivos, e desta forma identificar nas teses e sistemas filosóficos seu caráter essencial de resposta. Sem pretender ser uma “Introdução à filosofia” ou “um Manual didático”, como diz o próprio autor, seu livro se deve como “básico”, segundo afirma, pois pressupõe um leitor minimamente familiarizado com o tema. Dirigido aos alunos de graduação, pós-graduação e professores, esse texto é especialmente útil àqueles que experimentam desconforto com os resultados obtidos em suas pesquisas nesta área, quer no processo de investigação, quer no processo de articulação para a escrita.

O texto está dividido em uma introdução e duas partes. Na Introdução, o autor apresenta seu propósito, com destaque para a finalidade prática e emi-

nentemente instrumental do livro e a sua estrutura. A primeira parte se subdivide em seis capítulos, nos quais é explicitada a idéia central de uma metodologia e didática de ensino e estudo da Filosofia. A proposta principal é a de facilitar o acesso à Filosofia ressaltando-se a importância da “construção do problema” como núcleo básico do “modo filosófico de pensar”. Entender o problema de um autor é o primeiro passo para compreendê-lo. Ora, dado que todo problema precisa deixar-se formular numa pergunta, isso significa algo tão simples quanto: só entendemos uma tese ou teoria filosófica quando entendemos a pergunta com respeito a qual ela constitui uma resposta. Porém, o problema de um autor nem sempre está explícito no texto, sendo muitas vezes apenas pressuposto. Logo, para entendermos um determinado pensador temos que ser capazes de reconstruir o seu problema, histórica e logicamente, buscando e desenvolvendo o *status* de sua pergunta.

Um filósofo sempre se debruça sobre as questões levantadas por aqueles

que o precederam. Na dinâmica pergunta-resposta tematiza-se aquilo que, no momento anterior, estava simplesmente pressuposto. Do jogo reflexivo de explicitações surgem os novos problemas. O devir filosófico assemelha-se ao andar do caranguejo, isto é, avança enquanto retrocede. A idéia de que o acesso à Filosofia só seja revelado para poucos “iluminados” é desmistificada, afirmando-se que ela é acessível a todos os seres racionais desde que estejam dispostos a trabalhar paciente e arduamente.

O capítulo 4 dessa primeira parte é de grande ajuda para o estudante, pois o ensina a analisar um texto filosófico mediante um procedimento gradual de sucessivas traduções explicitadoras. Assim, o texto começa por ser explorado no ângulo puramente gramatical, passando daí ao plano literário, ao semântico e culminando, finalmente, no lógico. A segunda parte do livro é reservada a apresentação de três exemplos da aplicabilidade do método proposto na primeira parte. O objetivo dos exemplos é colocar, de manifesto, a importância fundamental do estabelecimento do problema para a compreensão de qualquer autor ou texto filosófico. Em todos os casos, trata-se de reconstruir o problema, fixando a pergunta para qual suas teses eram, na verdade, respostas. O primeiro exemplo é Kant (um autor tradicionalmente considerado difícil); o segundo, Cassirer (um autor presumivelmente fácil), e por fim uma visão histórico-sistemática da unidade da filosofia contemporânea.

Dois pontos devem ser destacados nos exemplos oferecidos na segunda parte do livro. O primeiro, por ser extremamente útil, é a demonstração da importância fundamental da fixação do problema para o entendimento de qualquer autor, seja ele considerado fácil ou difícil. Deve-se notar que o capítulo reservado a Kant oferece um excelente *overview* da **Crítica da Razão Pura**, e impressiona o leitor pela clareza e precisão. O capítulo dedicado a Cassirer e sua **Filosofia das formas simbólicas** opera um fino ajuste de foco que evita os clichês temáticos habituais sobre esse autor, direcionando nossa atenção ao núcleo do seu problema. O segundo, por ser deveras original, é a proposta de uma outra maneira de olhar a filosofia contemporânea ao enfatizar sua unidade, o que nos obriga, com certeza, a rever formas de consideração extremamente usuais. A partir de um núcleo inicial, as filosofias analítica e fenomenológico-hermenêutica, em aparência absolutamente distintas, se dissociam para, em última instância, buscar respostas às perguntas vinculadas, ainda que de maneiras diferentes.

O mérito deste livro é a proposta clara do autor que nos leva a olhar de modo diferente um texto, focalizando-o sem perdê-lo, algo realmente imprescindível para a boa compreensão das obras filosóficas, o que não se efetiva sem conhecer primeiramente o seu problema.

Gisele Molinari Fessore
Pós-graduanda em filosofia pela
PUC-SP e professora da Fac. Santa Rita
de Cássia (giselefessore@bol.com.br)

BRUNNIN, N.; TSUI-JAMES, E. P. **Compêndio de filosofia**. Trad. L. P. Rouanet. São Paulo: Loyola, 2002, 768 p. ISBN 85-15-02451-9.

No melhor estilo dos já famosos **Compêndios** publicados pela editora britânica Blackwell, chega agora até nós, em cuidadosa tradução e elegante edição, o **Compêndio de Filosofia**. Como dizem os organizadores no Prefácio à edição brasileira, o **Compêndio** constitui um projeto ambicioso, que reúne contribuições de 35 especialistas para cobrir áreas centrais da filosofia, campos especializados, figuras históricas importantes e novas áreas de crescimento e desenvolvimento. Com efeito, os 29 capítulos temáticos, confiados a especialistas na matéria, somados aos dois olhares sobre a filosofia contemporânea nos Estados Unidos, elaborados por John R. Searle e Bernard Williams, e a apresentação da filosofia européia moderna, escrito por David E. Cooper, cobrem um espectro que vai da filosofia grega antiga a temas e áreas atuais como “ética aplicada” e “feminismo e filosofia”.

Os capítulos são estruturados com clara intenção didática: o texto abre-se sempre com um pequeno resumo no qual se dá conta do estado da questão; desenvolve-se de maneira muito organizada, sendo enriquecido por introduções específicas sobre temas e conceitos, janelas explicativas sobre tópicos especiais do tema em questão, referências cruzadas, sugestões de leitura, in-

dicações bibliográficas e questões para discussão. Deve-se notar o esforço dos editores brasileiros em apresentar todas as traduções brasileiras ou portuguesas das obras citadas nas bibliografias de cada capítulo. Completando a obra, um glossário de 170 termos muito bem escolhidos e um acuradíssimo índice remissivo ajudam os leitores a tirar o melhor proveito possível da virtualidades didáticas e do caráter inovador deste **Compêndio**.

Embora abrangente, o **Compêndio** não pretende ser exaustivo. Uma de suas premissas básicas é que os participantes do debate filosófico possam fornecer relatos de seus campos que sejam estimulantes, acessíveis e confiáveis. Mesmo escrevendo a partir de suas próprias perspectivas e representando diferentes maneiras de realizar o trabalho filosófico, os autores produziram um volume de notável unidade, que não encerra os leitores num único sistema ou num conjunto de doutrinas estabelecidas, mas o encoraja a ver os assuntos de maneira global e a acreditar que explorações no interior da filosofia podem levar a revelações inesperadas e gratificantes.

Marcelo Perine
PUC-SP
(m.perine@ig.com.br)